

- *In vino veritas*, falava o padre ao sacristão.

O sacristão era um homem simples e não entendia o que o religioso queria dizer com isso. Mas, o padre sabia bem: a embriaguez soltava a língua e fazia a verdade vir à tona.

Toda a semana, o pároco da igreja ia à cantina da aldeia buscar o vinho da missa. Da missa, só para dizer, porque o vinho era para todo o santo dia.

- Tem aí um *Cabernet Sauvignon* encorpado? pergunta o padre.

- Não, responde o cantineiro. (Este padre é muito atrevido. Além de ganhar o vinho de graça, ainda exige o tipo, pensa).

- O que tem, então?

- Tem um *Merlot*, que é parecido, um pouco mais leve. Quer uma prova?

- Sim, me faz favor!

- Que tal?

- Hummm! Aromático, frutado, refrescante... Esplêndido! Pode me dar cinco garrações.

- Cinco? Só para beber na missa?

- Ora, ora! No domingo, é missa às oito, às dez, às dezoito. Não pode faltar vinho na celebração. E beber vinho é economizar água!

- Mais essa, agora. Viva Cristo, padre!

- Para sempre seja louvado, filho.

Nada como um vinho para uma vida bem-vivida. O padre sabia que brincar um pouco, não fazia mal. Dizia isso quase sempre aos seus fiéis. Feio, mesmo, era cobiçar a mulher do próximo, levantar falso testemunho, desonrar pai e mãe... Mas, beber do vinho da missa, fora da missa, não era pecado e espichava a vida.

Cada vez que sacava a rolha de um garrafão de vinho da igreja, o pároco compreendia o motivo de sua tão duradoura paixão.

Segundo ele, o vinho era uma fonte de alívio para os dissabores. Uma certa diversão capaz de produzir as mais variadas sensações, desde uma vertigem qualquer, ou um bem-estar inusitado, ou um frêmito intelectual.

Certo dia, perguntado pelo sacristão por que bebia tanto, o padre respondera:

- Bebo para tornar os outros interessantes!

O que deixou o sacristão ainda mais espantado.

- Tornei-me um apreciador de vinhos, meu caro. O vinho pode ser um anestésico, um calmante, um sonífero, às vezes, o único alimento. Serve até para matar a sede, como aconteceu nas caravelas que chegavam ao Brasil e que carregavam tanto barris de água, quanto de vinho. A água apodrecia nos barris de madeira e causava doenças nos marinheiros, ao passo que o vinho suportava bem melhor a viagem. É por isso e, por tantas outras coisas, que repito: *In vino veritas*.